

Uma proposta de mudança na formação acadêmica do profissional de custos

Antônio Manoel Rezende De Carvalho

Masayuki Nakagawa

Resumo:

As Instituições de Ensino Superior (IES) devem estar atentas às mudanças ocorridas no cenário atual. Não podem ignorar que a introdução dos meios eletrônicos nas atividades sociais e empresariais revolucionaram os conceitos, valores, modo de pensar e agir da humanidade. O processo de ensino-aprendizagem deve possibilitar a reflexão, a construção e a dúvida, buscando-se conhecimentos que propiciem uma melhor qualidade de vida. Na formação do profissional de custos, é de suma importância a associação dos saberes ditos científicos (saber documental) e saber experimental. O desenvolvimento tecnológico disponibilizou, com o computador, novas ferramentas educacionais que, se bem utilizadas, podem provocar mudanças pedagógicas profundas. Este trabalho aborda a evolução do conhecimento, interdisciplinaridade e a linguagem eletrônica ? internet; o curso, as instituições, a metodologia, a pesquisa na área contábil, o docente e o discente. Ao final, conclui que devem ser estabelecidos laços de cumplicidade entre as IES, discentes e docentes na difusão da importância do marketing pessoal; revisão da grade curricular; criação de acesso eletrônico; estabelecer parcerias e inserir-se na comunidade; incentivar a iniciação científica; avaliar continuamente; informar previamente o produto oferecido ao discente; adotar metodologias do Método de Caso; estabelecer uma nova relação entre docente x discente.

Área temática: Ensino e Pesquisa na Gestão de Custos

Uma proposta de mudança na formação acadêmica do profissional de custos

Antônio Manoel Rezende de Carvalho (UFG - Brasil) amrcarvalho@cultura.com.br

Masayuki Nakagawa (USP - Brasil) nakagawa@usp.br

RESUMO

As Instituições de Ensino Superior (IES) devem estar atentas às mudanças ocorridas no cenário atual. Não podem ignorar que a introdução dos meios eletrônicos nas atividades sociais e empresariais revolucionaram os conceitos, valores, modo de pensar e agir da humanidade. O processo de ensino-aprendizagem deve possibilitar a reflexão, a construção e a dúvida, buscando-se conhecimentos que propiciem uma melhor qualidade de vida. Na formação do profissional de custos, é de suma importância a associação dos saberes ditos científicos (saber documental) e saber experimental. O desenvolvimento tecnológico disponibilizou, com o computador, novas ferramentas educacionais que, se bem utilizadas, podem provocar mudanças pedagógicas profundas. Este trabalho aborda a evolução do conhecimento, interdisciplinaridade e a linguagem eletrônica – internet; o curso, as instituições, a metodologia, a pesquisa na área contábil, o docente e o discente. Ao final, conclui que devem ser estabelecidos laços de cumplicidade entre as IES, discentes e docentes na difusão da importância do marketing pessoal; revisão da grade curricular; criação de acesso eletrônico; estabelecer parcerias e inserir-se na comunidade; incentivar a iniciação científica; avaliar continuamente; informar previamente o produto oferecido ao discente; adotar metodologias do Método de Caso; estabelecer uma nova relação entre docente x discente.

Palavras Chaves: Ensino Contábil, Profissional de Custos, Difusão do Conhecimento, Proposta Alteração no Ensino Contábil.

Área Temática: Ensino e Pesquisa na Gestão de Custos.

1. Introdução

A quantidade de informações que surgem a cada momento, numa velocidade copiosa, exige uma nova postura das instituições de ensino, dos docentes e discentes. A educação, que no passado era feita de maneira integral, disciplinou e fragmentou os conhecimentos, setorizou as ciências e fez com que o homem recebesse ensinamentos compartimentalizados. Desta fragmentação, surgiram os especialistas, profundos conhecedores de numa determinada área do conhecimento, que deixam de buscar os conhecimentos nas demais áreas. Assim são formados especialistas que sabem cada vez mais, sobre cada vez menos.

Não se passa saber de uma pessoa para outra, porque ele se dá pela construção coletiva de novos conhecimentos. Assim sendo, o processo de aprendizagem deve possibilitar a reflexão, a construção e a dúvida, buscando-se conhecimentos que propiciem uma melhor qualidade de vida.

Ao docente, como principal responsável pela formação do profissional de custos, cabe a tarefa de conscientizar-se dos problemas do ensino brasileiro e das alterações que o desenvolvimento científico e tecnológico provocaram no processo de ensino-

aprendizagem. A partir daí, utilizando-se de todos os recursos tecnológicos terá condições de transmitir o conhecimento adquirido em sua vida acadêmica e profissional. No ensino contábil é de suma importância a associação dos saberes ditos científicos - saber documental (absorvido na vida acadêmica, por meio de aulas, cursos, livros e artigos) com os saberes vividos em uma empresa – saber experimental (vivenciado em um ambiente real, onde a todo o momento é exigida a tomada de decisão).

Os principais problemas educacionais de hoje, segundo Valle (2004), são gerados pela insuficiente capacitação dos discentes; métodos de avaliação ineficazes; uma grade curricular autoritária e inflexível; recursos materiais escassos e falta de criatividade e motivação tanto dos discentes como dos docentes. Esse cenário é agravado pelo questionável projeto político-pedagógico que deveria interagir e integrar todos os agentes envolvidos e por uma forte crise de identidade e de paradigmas. Mas sabe-se que não é possível nem coerente a adoção de uma metodologia fixa, que engesse as criatividade individuais dos educadores e educandos.

2. Difusão do conhecimento

A contabilidade, ciência viva, como as demais ciências, passa por processos de desenvolvimento. O avanço tecnológico atual, era do conhecimento e da informação, provoca alterações na evolução científica, o que exige a revisão dos seus princípios e leis pela introdução de novos paradigmas.

No progresso da ciência, o que era objeto de estudo ontem passa a ser hoje um fato aceito, tornando-se em seguida um instrumento para posteriores investigações e descobertas. A comunidade científica trabalha a partir do paradigma estabelecido, investigando os fenômenos ainda não explicados e buscando enquadrá-los na teoria dominante, na época em que se desenvolvem.

A linguagem eletrônica – *Internet* - é na atualidade a mídia mais poderosa. Ela tem poder de revolucionar conceitos, valores, modo de pensar e agir da humanidade, por sua fantástica disponibilidade de informações (superbiblioteca digital que apresenta um crescimento ininterrupto) e facilidade de obtenção de informações. Seus usuários devem, segundo Motter (2003), buscar o desenvolvimento de conteúdos específicos, e não simplesmente reproduzir conteúdos já disponíveis em outras mídias, pela criação de conteúdos multimídia (simuladores, animações e recursos de áudio e vídeo) que levem o usuário a interagir com a máquina e a construir hipóteses, testá-las e validar os resultados.

Verifica-se um atraso na integração da *internet* no processo pedagógico brasileiro ocasionado pela resistência das instituições de se equiparem com *softwares* e *hardwares* e, também, pelas dificuldades dos docentes e discentes de se adaptarem à nova realidade, com a aquisição de equipamentos para a utilização em suas residências, e de receberem treinamento para poderem utilizar plenamente os recursos oferecidos.

Siqueira (2004) afirma que as instituições, os docentes e discentes “não podem fechar os olhos diante da importância do uso da *internet* no processo pedagógico”. Acredita que o futuro mostrará a validade de mudanças que busquem a criação de uma cultura que se baseie na educação dessa nova imprensa, a que chamou de “imprensa da *internet*”. Como se trata de algo novo, acredita que “haverá tropeços”, mas o procedimento satisfatório será alcançado.

3. O ensino da contabilidade

3.1 O Curso e as Instituições de Ensino

Nos últimos anos, principalmente, verificou-se uma verdadeira explosão do número de autorizações de funcionamento de instituições de ensino superior de Contabilidade, pelo MEC, dos cursos de ciências contábeis no Brasil. Como exemplo, pode-se

citar o estado de Goiás que nos últimos trinta anos possuía somente duas IES do ensino contábil, mas num curtíssimo espaço de tempo teve este número ampliado para 28. Hoje, segundo dados do Conselho Federal de Contabilidade (CFC), existem 603 instituições do ensino contábil regularizadas no país. Este número é ampliado quando se consideram os campos avançados e as unidades situadas em outras localidades. Esse crescimento está comprometendo a qualidade do ensino, o que vem preocupando algumas instituições de ensino e entidades de classe que buscam mudanças no processo de ensino-aprendizagem, pois acreditam que somente assim, conseguirão atender as necessidades do mercado profissional.

As instituições devem almejar a educação integral, a arte formadora do homem integral e um ideal a ser atingido. Para isso necessita, em seus quadros, de docentes que estejam habilitados na arte de desenvolver, ao mesmo tempo e com o mesmo grau de intensidade, a inteligência racional, a emocional e a volitiva.

3.2 Conteúdos Programáticos

Os currículos dos cursos de Contabilidade são elaborados pelas IES a partir do perfil do profissional que deseja formar, sendo que a maioria delas não considera o perfil exigido pelo mercado. Isso é agravado pelo fato de que muitas delas não conseguem diplomar o profissional com a formação planejada.

Atualmente, a maioria das faculdades de Ciências Contábeis apresenta, segundo Moraes, Santos e Soares (2003), “uma estrutura curricular baseada no método cartesiano de indução, ou seja, das partes para o todo”. Mazzotti (2001) afirma que elas seguem o método sistêmico de ensino baseado na escola norte-americana. Torna-se necessário então, que se tenha uma visão do conjunto, que se conheçam as relações entre as partes, que não devem ser isoladas, como se tivessem existências independentes.

Outro problema enfrentado, segundo Moraes, Santos e Soares (2003), são as inúmeras determinações do Ministério da Educação e Cultura (MEC) que não permitem que a instituição, os docentes e os discentes (principais interessados), criem, pensem e critiquem os parâmetros vigentes. Esses parâmetros em nada colaboram na produção de conhecimentos e não ajudam na formação de cidadãos.

Verificam-se algumas mudanças que sinalizam que o MEC, ao detectar a existência de grades curriculares desatualizadas e currículos *engessados* por não considerarem a influência dinâmica do mercado, exigiu alterações e deu uma maior liberdade às IES para que tornem seus planos de ensino à realidade que os futuros egressos encontrarão.

3.3 Metodologias do Ensino de Contabilidade

O momento atual, era da informação, exige que as metodologias de ensino utilizadas nos Cursos de Contabilidade permitam que o processo ensino-aprendizagem seja mais produtivo e prazeroso.

Presencia-se a utilização de inúmeros “avanços tecnológicos” que funcionam como ferramentas auxiliares em sala de aula (imagem, informática e *internet*). Isso exige mudanças, já que, segundo Nascimento (2000), o objetivo “destas ferramentas não é de tornar o ensino meramente repetitivo, mas, sim, o de provocar mudanças pedagógicas profundas” e o computador deve ser utilizado “como uma ferramenta de construção do conhecimento...”.

As teorias construtivistas afirmam que a realidade é dinâmica e que o conhecimento é personalizado. Assim sendo, o estudo da Contabilidade, segundo Silva, deve ser também pessoal e necessita estimular o discente a utilizar métodos de reflexão permanente. O seu ensino, segundo Moraes, Santos e Soares, precisa ser visto como um convite à exploração e à descoberta e não apenas transmissão de informações e de técnicas.

A utilização de dinâmicas de grupo, técnicas de apresentação de trabalhos escritos e orais e a introdução de *softwares* computacionais de jogos de empresas, aproximam

a sala de aula da realidade do exercício profissional. Moraes, Santos e Soares (2003) afirmam que “as pessoas se juntam, formam suas equipes e definem seus objetivos, cumprem ordens e regras pré-definidas nas atividades apresentadas pelos professores”. Os trabalhos em grupo, segundo diversos autores, permitem que os discentes revelem suas características peculiares, como: interesse, aptidões, intenções e desejos, inibições, frustrações, expectativas e medos.

É necessário que a vivência em sala de aula reproduza e aproxime fatos e casos da realidade do mercado, confirmando a importância e a necessidade da teoria estudada. As instituições e docentes do Curso de Ciências Contábeis, segundo Moraes, Santos e Soares (2003), devem preocupar-se com uma metodologia de ensino que identifique a relação dos conteúdos apresentados com a realidade do mercado de trabalho que o discente enfrentará, para que este precioso tempo, em sala de aula, não seja gasto com discussões teóricas e filosóficas sem nenhuma aplicação prática.

A avaliação acadêmica de hoje está associada à contagem numérica e classificatória. O ser humano é avaliado a cada momento, e é dessa forma que os docentes deveriam pensar e agir. A avaliação, segundo Valle (2004), “deveria ser contínua, gradativa, reflexiva e diagnóstica”. O docente, segundo ele, deve “exercitar e avaliar todas as atividades executadas, pois isso faz com que se avalie o planejamento curricular, a formação do educador, o projeto pedagógico, enfim, a escola como um todo”.

E, finalmente, as instituições deveriam ter uma biblioteca diversificada e atualizada; laboratório com *hardware*, *software* e acessos à *internet* de última geração; meios multimídia disponíveis a serem utilizados pelos docentes e discentes, dentro e fora da instituição.

O ensino tradicional, segundo Massi (2004), apresenta algumas características, dentre elas, destaca-se a improvisação, o elemento de surpresa (caixa preta: só se sabe o que vai acontecer quanto se estiver dentro dela). O docente não antecipa nenhuma das atividades que serão apresentadas em sala de aula. Esse fato só permite que o docente conte com os conhecimentos produzidos durante a sua explicação, já que o discente não teve oportunidade de refletir sobre o conteúdo da aula porque não sabia, previamente, o conteúdo que iria ser tratado em sala.

O planejamento do ensino implica que cada um dos atores do processo faça sua parte (professores preparando e disponibilizando previamente suas aulas, e os discentes estudando antecipadamente seus conteúdos). Com isso, segundo Massi (2004), poder-se-á tirar da sala de aula a parte mecânica (ditar conteúdos, escrever no quadro aquilo que poderia ser enviado antecipadamente para os discentes). Só assim as salas de aulas se tornarão locais de discussões e de definições de conceitos. Lá os discentes levarão suas reflexões e diálogos sobre o material estudado.

O papel da tecnologia, segundo o autor, é transformar uma aula tradicional numa aula verdadeiramente dialógica, em haja discussão, aprofundamento e debate de idéias e conceitos a partir daquilo que já foi fornecido antecipadamente aos participantes. Assim sendo, sala de aula passará a ser um local, um ambiente aberto e prazeroso.

3.4 Pesquisa Contábil

A pesquisa científica em contabilidade, por parte dos docentes e discentes, é um ponto de fundamental importância que, se bem realizada, em muito contribuirá na melhoria do profissional contábil. O ensino superior, segundo Santos Filho (2003), é considerado como o “momento propício para o desenvolvimento de pesquisa em prol da construção do conhecimento. Como pode o educador da área contábil, achar natural a negligência desse item em seus planos educacionais?” Em sua opinião, não existe um “mínimo de incentivo à pesquisa por parte das Faculdades e Universidades”. Conclui que esta negligência “torna o ensino uma mera repetição e cópia do que já foi pesquisado por aqueles

que representam a minoria em nosso país. Precisamos de urgente produção acadêmica na área de contabilidade!”.

O quadro atual de descaso de projetos de pesquisa na área contábil pode ser justificado por: a) escassas linhas de financiamentos para a pesquisa e a concessão de bolsas de iniciação científica combinado com o elevado grau de dificuldade para obtê-las; b) instituições que, em virtude dos altos custos financeiros das pesquisas, não as priorizam; c) docentes que ainda não adquiriram a cultura da pesquisa e também por receberem uma remuneração que os obrigam a enfrentar uma jornada diária de mais de 12 horas (um emprego de oito horas no período diurno e mais quatro horas em sala de aula no período noturno); d) falta de disponibilidade para as atividades extra-classes já que a maioria dos alunos frequenta o curso no período noturno, após uma exaustiva jornada de trabalho; e) reduzida quantidade de professores pesquisadores, mestres e doutores, na área contábil.

Esta situação levou Marion (2001) a afirmar que: “Ironicamente podemos dizer que o professor de Contabilidade, de maneira geral, constitui uma das categorias que menos pesquisa na área contábil. Não nos referimos à pesquisa de novas descobertas na área profissional, mas sim no que tange ao ensino da Contabilidade”. Segundo ele, as instituições de ensino se propõem simplesmente a transmitir o conhecimento pela mera cópia daquilo que já existe. Elas não criam, não inovam, não ensinam os alunos a construir conhecimento. Com isso, colocam no mercado de trabalho um profissional com grandes limitações, que se revela incapaz de repensar suas ações ou buscar novos horizontes profissionais, que almeja somente candidatar-se a concursos públicos ou montar um escritório de Contabilidade e por se mostrar incapaz de atender com eficácia as demandas do mercado entrará em uma concorrência acirrada que exigirá dele trabalhar em troca de módicos honorários.

Na busca de reversão deste quadro e de atendimento às exigências do MEC, algumas IES procederam à alteração de sua grade curricular instituindo a obrigatoriedade de entrega, pelos discentes, ao término do curso, de um trabalho monográfico ou Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mas, na prática, segundo Moraes, Santos e Soares (2003), na falta de tempo dos discentes para pesquisar e dos docentes para orientar, eles podem vir a ser uma “mera cópia de trabalhos prontos disponibilizados ou vendidos através da *internet*, uma verdadeira brincadeira de faz-de-conta, em que, em nome de uma formatura, são feitos de qualquer maneira, sem um critério mais apurado...”.

MEC, IES e docentes têm demonstrado sinais que estão desenvolvendo esforços na busca da melhoria do ensino e do exercício da profissão contábil. Mas devem-se buscar novas fórmulas que incentivem os discentes a pesquisarem, pois somente assim terão capacidade de criar opiniões próprias, sem influências dos docentes ou autores, pois o ser humano é livre para formar suas próprias convicções.

3.5 O Docente Contábil

A melhoria na qualidade de ensino não depende somente de mudanças metodológicas, curriculares e estruturais por parte das instituições de ensino superior. Depende, sobretudo, da seriedade, dedicação, capacidade e compromisso dos docentes em formar bons profissionais e não apenas informá-los sobre alguns conteúdos. É dele a responsabilidade de proporcionar uma discussão sobre as limitações vividas pela sociedade atual.

Ao longo dos anos, infelizmente, o ensino superior brasileiro, segundo Nossa (1999), foi sucateado. Na ânsia da abertura de um maior número de cursos e vagas nas instituições, os docentes foram improvisados. A proliferação desenfreada das Instituições de Ensino Superior (IES) na área de Contabilidade agrava a situação que já demandava um maior número de professores capacitados.

As instituições de ensino brasileiras ofereciam regularmente, no ano de 2000, somente cinco cursos de Mestrado em Contabilidade e a Universidade de São Paulo (USP) era, e ainda é até hoje, a única que oferece o de Doutorado. Essa realidade obrigou as instituições a absorverem docentes improvisados que geralmente possuíam o curso de graduação e vivência no dia-a-dia empresarial ou, no máximo, uma especialização.

O docente, segundo Moraes, Santos e Soares (2003), “não deve estar preocupado apenas em passar para o aluno os conhecimentos que sabe, mas fazer com que o aluno aprenda a aprender e, para isso, é preciso estar preparado”.

Mazzotti (2001) afirma: “Enquanto não conseguirmos qualificar todos os professores dos cursos de Ciências Contábeis e obter todos os outros recursos necessários para a criação do curso ideal que desejamos ou imaginamos, precisamos realizar as mudanças que julgamos necessárias e aceitar todas as correções de rota, sempre que necessário”.

Novas práticas pedagógicas que atendam às necessidades atuais têm, segundo Silva (2001), sido amplamente pesquisadas. Ele acredita que a contabilidade pode ser incluída num ramo do conhecimento que apresenta um grande potencial para utilização nos sistemas de apoio ao ensino. Segundo ele, a “educação sistêmica de gestores, bem como o desenvolvimento de novas habilidades que levem à competência desses profissionais têm sido bastante enfatizados nos últimos anos, devido, principalmente, às inovações da tecnologia de informação para a automatização de atividades que vêm transformando significativamente os ambientes organizacionais”.

Na qualidade de autor de diversos trabalhos com temas relacionados à metodologia de ensino da contabilidade, Silva (2001), concluiu que ainda não existe uma estruturação adequada e assertiva, que oriente de forma objetiva o ensino-aprendizagem dos discentes. Verificou que existem dificuldades, nos cursos de ciências contábeis, por parte dos docentes na aplicação dos métodos de ensino utilizados nas disciplinas de contabilidade e suas especialidades. Acredita que a criatividade do docente “em sala de aula, o conhecimento adequado do conteúdo a ser ministrado e o perfil de aluno colocado à mercê de sua sabedoria são fatores que devem ser observados. Qualquer que seja a metodologia de ensino aplicada à contabilidade, o professor deverá sempre manter “a chama da motivação do aluno, acesa”.

O docente, segundo Robatini e Oliveira (2002), deve, além de dominar a técnica (saberes científicos), estética (belo, bom, arte e cultura), política (poder de mudança pela união dos grupos sociais) e a ética (valores: solidariedade, fraternidade e respeito), estar consciente de que seus conhecimentos são provisórios e de que precisa conviver com o diferente. Somente assim assumirá seu “papel de agente de mudança”, auxiliando os discentes na busca de sua felicidade.

A reorganização das práticas pedagógicas deve ser buscada, alterando-se o papel do professor: de autoritário para participativo; de transmissor do conhecimento para aquele que divide o conhecimento; de indicador do caminho para aquele que também está na caminhada; daquele que não sugere para aquele que interage na busca de mudanças comportamentais.

3.6 O Discente Contábil

Os discentes do curso de Ciências Contábeis apresentam, se comparados com os cursos mais concorridos (Medicina, Engenharia, Direito etc), um menor nível intelectual, já que a escolha deste curso não foi, para a maioria dos seus candidatos, a primeira opção no processo seletivo do vestibular. Essa escolha deveu-se, em parte, à maior facilidade de aprovação. Uma parcela foi motivada pela possibilidade de abertura das portas do mercado de trabalho; outra, foi seduzida por julgar que assim estaria apta a candidatar-se aos inúmeros concursos públicos e obter uma maior estabilidade financeira; outra, menor, ingressou pela influência dos familiares. E, finalmente, uma outra parcela, os Técnicos em Contabilidade

que, diante de um mercado de trabalho altamente competitivo, buscam novos conhecimentos e a obtenção do *diploma*, acreditando que este propiciará a ele uma vida melhor.

O fato de a maioria dos discentes do curso trabalhar o dia inteiro, entrando em sala já cansada, após uma exaustiva jornada de trabalho, e de não dispor de tempo para ler, estudar e executar os trabalhos e exercícios solicitados agrava ainda mais essa situação.

Estes fatos são os principais motivadores para que, segundo Marion (1992), muitas IES coloquem no mercado de trabalho, a cada ano, inúmeros profissionais recém-formados frustrados por não se sentirem aptos ao exercício da profissão contábil, após a conclusão do curso. A frustração pode ser um reflexo da sua imensa dificuldade em resolver problemas novos: o recém- -diplomado é capaz de tratar assuntos já vistos, mas quando é exigida a sua capacidade criativa, associada ao conhecimento técnico, para solucioná-los, fica em apuros.

A maioria dos discentes do curso contábil e dos demais cursos anda na contramão quando se compara o seu crescimento pessoal-intelectual com os inúmeros avanços científicos e tecnológicos atuais. Verifica-se que, de um modo geral, o que a grande maioria menos tem feito é pensar novas formas de fazer. Eles, segundo Santos Filho (2003), podem até “estar copiando idéias preexistentes ou melhorando-as, mas a criação, propriamente dita, proveniente do pensamento lógico e estruturado, pouco se tem visto”. O autor acredita que os discentes encontram-se em uma aparente *preguiça* criativa, em que os “traços criativos que deveriam povoar suas mentes” foram assassinados.

A instituição deve preparar o discente para que, ao ser diplomado, esteja convicto que a única certeza que encontrará será um mundo em constante mudança. O “*guarda-livro*”, profissional de parques conhecimentos contábeis, que se limita a registrar, calcular, fazer guias e atender às exigências do fisco, com limitada formação e o profissional que não se preocupa em realizar cursos de atualização e especialização, estão definitivamente condenados a serem segregados do mercado de trabalho. As mudanças, segundo Santos Filho (2003), “impostas pelos novos tempos fazem surgir a necessidade de um perfil novo de profissional mais compromissado com o sucesso do seu cliente do que com o sucesso do Estado coletor de tributos. Um verdadeiro parceiro que pensa!”

4. PROPOSTA DE MUDANÇA

A preocupação das IES com o processo ensino-aprendizagem e com a qualidade dos cursos de ciências contábeis que oferecem pode ser observada em algumas instituições brasileiras que já incentivam seus docentes a ter uma educação continuada e a participar ativamente das alterações, com críticas e sugestões. Reestruturaram seus laboratórios, bibliotecas e instalações físicas; reformularam suas grades curriculares; alteraram a metodologia de ensino empregada; implementaram novas ferramentas eletrônicas. Com estas mudanças, acreditam que os profissionais estarão mais aptos a atender às exigências do mercado de trabalho.

Mas um longo caminho ainda precisa ser trilhado e para tal seria desejável a adoção do elenco de sugestões abaixo relacionado:

4.1 Difundir a importância do Marketing Pessoal

Como acontece com qualquer outro produto, o profissional contábil, necessita se expor ao mercado, que lhe exige: planejamento e estratégia, pilares do *Marketing* Pessoal. O *Marketing* Pessoal é muito mais do que construir uma imagem ou um perfil público. Essa imagem pode ser definida como sendo a percepção que público tem do profissional, havendo, pois, a necessidade de que seja transmitida corretamente. Ela é decorrente de uma construção pessoal, sólida e elegante cuja base é a identificação das aptidões naturais, das capacitações a serem adquiridas e da pesquisa e reconhecimento das condições do mercado.

Mas percebe-se que a maioria das instituições do ensino contábil, principalmente pelo caráter tecnicista da contabilidade, preocupa-se excessivamente com os conteúdos técnicos científicos. Com isso, formam profissionais que são verdadeiros *analfabetos no marketing* pessoal. Ignoram que o futuro profissional terá de desempenhar suas atividades num mercado altamente competitivo, em que, na maioria das vezes, o vencedor não é o mais qualificado, mas, sim, aquele que possui melhores habilidades de apresentação pessoal e profissional.

É aconselhável que as IES ofereçam aos seus discentes, mesmo que sejam como atividades complementares, cursos de rápida duração; entre eles, sugere-se: oratória, apresentação pessoal, técnicas de abordagem do cliente, relações interpessoais, formação do preço dos serviços prestados pelo profissional contábil, técnicas de redação e apresentação *visual* do produto contábil (correspondências, relatórios, pareceres etc); leitura dinâmica, memorização; matemática financeira, utilizando-se a calculadora científica e a planilha eletrônica.

4.2 Modernizar sua Grade Curricular

As grades curriculares devem ser alteradas pela introdução de novas disciplinas, articuladas de forma interdisciplinar, que permitam o desenvolvimento e aprimoramento dos conhecimentos dos seus discentes. Acredita-se que somente assim conseguirão atender às modernas práticas gerenciais exigidas pelo mercado que, hoje, apresenta um cenário de instabilidade, imprevisibilidade, caos, inovação, velocidade, mudanças e crise.

A realidade das empresas mudou, os negócios ficaram mais complexos (funcionários, tecnologias, prazos, leis, preços, clientes, mudança, novidade, globalização, custos, inovações, impostos, idéias, concorrência, informação etc). Para implementar e acompanhar essas mudanças, torna-se necessário que os futuros profissionais tenham altos níveis de percepção e compreensão das realidades do mundo e de si mesmo, níveis extraordinários de motivação que lhes possibilitem passar pelo inevitável desconforto de aprender e desaprender, força emocional para gerenciar a própria ansiedade e a dos outros à proporção que o aprendizado e a mudança sejam constantes.

4.3 Criar um acesso Eletrônico

As instituições de ensino, na busca da organização das informações e a seleção de públicos com afinidades específicas, devem criar na *internet* os ‘portais’, que vêm a ser a fórmula mais adequada para tornar disponíveis os conteúdos educacionais. A implantação dessa tecnologia educacional permite que o processo de ensino-aprendizagem seja visto de uma forma diferente. Essa nova tecnologia educacional tem como idéia principal, segundo Massi (2004), *a transformação da aula num momento mágico de reflexão, de diálogo, de troca e não o momento trágico* de ficar copiando, anotando o que está nos livros, artigos, revistas, jornais que poderiam ter sido disponibilizados antecipadamente. Com essa ferramenta, o discente não perderá seu tempo precioso com anotações desnecessárias.

Ao receberem antecipadamente a aula sistematizada, os alunos chegarão melhor preparados à sala de aula, terão lido os textos que tratam dos conteúdos a serem abordados, feito as tarefas ou exercícios propostos, refletido sobre a situação-problema ou questão problematizadora para a qual deveriam encontrar (individualmente ou em grupos) uma explicação ou solução, estudado os exemplos que contextualizam os conteúdos, discutido a aula com os colegas e anotado suas dúvidas para resolvê-las com o professor. Estarão preparados para as atividades que serão realizadas em sala e conhecerão os objetivos a serem atingidos. Enfim, chegarão à sala mais aptos a verificar, por si mesmos, seus pontos fortes e

fracos, seus avanços e dificuldades, os aspectos em que apresentaram bom desempenho e aqueles em que precisam melhorar ainda mais.

No processo de elaboração destes portais, segundo Motter (2004), devem ser analisados os conteúdos (controlando o ambiente para que os usuários encontrem informações fidedignas em suas pesquisas) e a comunicação (permitindo a interação em tempo real, e com baixo custo, de alunos de diferentes localidades geográficas possibilitando o surgimento de novos projetos educacionais). Afirmar ainda que o seu desenvolvimento exige a articulação de uma equipe heterogênea composta de educadores das diversas disciplinas e níveis de ensino (pedagogos, psicólogos, bibliotecários, programadores e *designers*). O projeto, segundo ele, deve se basear na “busca constante da otimização dos recursos computacionais e na criação de conteúdos próprios e de ferramentas específicas para o meio educacional”. Tem que considerar que o docente deve ser o agente na utilização da tecnologia. Assim sendo, é desejável que atendam às suas expectativas e necessidades e que a *internet* não pode ser vista como um recurso deslocado dessa realidade e sim como uma ferramenta que enriqueça o currículo e o cotidiano acadêmico.

Esta ferramenta permitirá que seja disponibilizado aos discentes, como é feito nos Estados Unidos da América há muitos anos, uma programação “aula-por-aula”, exercícios e casos, nos quais o discente conheça antecipadamente o assunto que será tratado em cada aula, bem como a bibliografia concernente. Essa prática permitirá que o mesmo estude a matéria da aula e faça os exercícios solicitados com antecedência. Dessa forma, será permitido ao docente uma abordagem didática apenas sobre os temas mais complexos. Isto favorece o desenvolvimento de uma quantidade muito grande de matéria, podendo-se desenvolver muito mais tópicos num semestre do que aquilo que normalmente é feito.

Os portais educacionais deveriam, segundo Massi (2004), disponibilizar aos seus discentes pelo menos: a) material de aula; b) materiais extras - exercícios e textos; c) acesso as notas e controle de frequência das disciplinas cursadas; d) forma de contatar docentes (por meio de *e.mail* e avisos), discentes e parte administrativa da instituição; e) periódicos, dissertações e teses; f) acesso ao acervo da biblioteca, permitindo a reserva e obras; g) Acesso a *Library Online*; h) clássicos virtuais; i) *dowland* de programas básicos – *Acrobat Reader*, *Internet Explorer* etc; j) sala de bate-papo; l) construtor de página; m) sala de debate; n) dicionário; o) enciclopédia; p) notícias; q) tradutor de textos; r) informativo de eventos; s) atlas etc.

Afirmar ainda que a implementação dos portais pode tornar-se o primeiro passo para a implementação do ensino à distância, cujo objetivo é de manter poucos docentes agrupados ao mesmo tempo numa sala com as portas fechadas, o que eleva consideravelmente o custo do ensino, além de provocar paralisação do processo educacional por ocasião do término do curso. Esta metodologia de ensino está ganhando força nos Estados Unidos, por evitar grandes deslocamentos dos docentes e, sobretudo, propiciando que os discentes, que em tese passaram da época de estudar em uma universidade, tenham novas e exequíveis oportunidades de estudar.

4.4 Estabelecer parcerias e inserir-se na comunidade

É de suma importância que sejam estabelecidas parcerias técnico-científicas com instituições de ensino de notável renome nacional e internacional, órgãos de classe, associação comercial e industrial, prefeitura, estado, Sebrae, empresas e a sociedade em geral. Tais parcerias certamente beneficiarão os discentes, despertando-lhes maior interesse por estarem trabalhando em algo real, prático e atual, melhorando conseqüentemente os resultados propostos.

Esta prática é comumente utilizada nos departamentos de contabilidade das universidades americanas. Lá as empresas contábeis e de auditoria, buscando o

aperfeiçoamento do ensino contábil, oferecem um apoio irrestrito às iniciativas acadêmicas, participam das instituições e oferecem suporte financeiro, próprios ou obtidos junto a clientes, aos departamentos de contabilidade.

A extensão e a pesquisa fazem parte de um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre as instituições e a comunidade. Estendem o saber acadêmico à comunidade, aprendem com ela e, a partir daí, produzem um novo saber, um novo conhecimento que retroalimenta o processo. Visam, principalmente, buscar mudanças na consciência individual e coletiva que trazem como consequência modificações em seus comportamentos e em suas ações.

As IES necessitam *abrir suas portas*, ir às ruas para conhecerem a comunidade local. Pois só a partir daí terão condições de implementar projetos que atendam as reais necessidades da população.

As instituições do ensino contábil, particularmente, podem oferecer apoio às micro e pequenas empresas oferecendo elaboração de pesquisas, consultas sobre potencialidades de mercado, informações sobre abertura de empresas, consultas sobre legislações fiscais e tributárias, auditorias, elaboração de planilhas de custos dos produtos e serviços oferecidos, consultoria etc.

Podem também, a partir do conhecimento das necessidades locais, oferecer cursos de rápida duração enfocando os temas que despertem o maior interesse do público alvo. Estes cursos poderiam ser: contabilidade para não contadores; alterações do Código Civil e as consequências na vida das micro e pequenas empresas; matemática financeira, utilizando-se a calculadora científica e planilha eletrônica; *marketing* de produto; *marketing* de serviços etc.

4.5 Incentivar a iniciação científica

As inúmeras dificuldades de implementação de projetos de pesquisa, principalmente nos cursos de Ciências Contábeis, é do conhecimento de todos que atuam na área. Os motivos são os mais variados possíveis, mas, dentre eles, destacam-se a indisponibilidade temporal e cultural dos docentes e discentes para executá-las, fato que é agravado pelo não oferecimento das condições mínimas necessárias por parte das IES.

Acredita-se que as instituições podem reverter esse quadro a partir do momento em que preparem e incentivem seus discentes a introduzirem projetos de iniciação científica, durante todo o curso, desde o primeiro semestre.

Como, geralmente, a disciplina de metodologia é oferecida nos primeiros semestres e o TCC é oferecido ao final do curso, cria-se uma lacuna em que o discente não é incentivado a desenvolver a arte da pesquisa no decorrer do curso. Uma das formas de incentivá-los à pesquisa é a apresentação de uma relação dos temas que poderiam ser aprofundados no semestre. Nessa relação, seria facultado ao discente o direito de escolha do tema (objeto da pesquisa) que lhe despertasse maior interesse. É recomendável que receba do professor orientador, explicações prévias adicionais, dentre elas, a possível aplicabilidade da pesquisa no futuro mercado de trabalho. A outra forma de incentivo é a atribuição de uma nota, pela pesquisa realizada, a uma das disciplinas que estiver sendo cursada no semestre.

4.6 Avaliar continuamente

Acredita-se que o aproveitamento poderia ser melhorado com a aplicação, além das provas tradicionais que ocorrem geralmente em número de três por semestre, de mais quatro testes abrangendo o conteúdo das últimas aulas. Testes rápidos que não tomem mais que 15 minutos das aulas. Estes testes e as provas deveriam ser resolvidos e comentados pelo docente, em sala de aula, questão por questão, dirimindo as possíveis dúvidas e criando-

se um clima propício ao debate, clima este que poderia ser melhorado com a alteração da disposição dos alunos nas salas de aula.

4.7 Informar previamente o produto oferecido ao discente

A IES deveria informar ao discente, no momento de sua matrícula, por meio impresso ou eletrônico (*site* ou portal), a relação das disciplinas e os seus respectivos conteúdos programáticos, o professor responsável pela disciplina (apresentado por um *curriculum* mínimo), o número de encontros e os seus respectivos conteúdos; os livros básicos e complementares, textos, exercícios a serem resolvidos no semestre etc. Tal procedimento há muitos anos vem sendo utilizado por instituições norte-americanas.

4.8 Adotar metodologias do Método de Caso

Sugere-se a implementação de novas metodologias de ensino, entre elas o Método de Caso, que, cientificamente, não pode ser considerado novo, já que segundo Marion (1992), foi desenvolvido em Harvard nos anos 20 e implementado em nível de pós-graduação nas faculdades americanas nos anos 50. Os discentes da área contábil que o utilizam na Universidade de Kansas são unânimes em afirmar que têm maior facilidade no aprendizado, mesmo que não recebam todo o conteúdo “mastigado” dos docentes.

As escolas de negócios deram um enfoque particular ao método de casos, aplicando-o ao contexto empresarial, procurando trazer para a sala de aula os problemas e dilemas gerenciais enfrentados pelos administradores das mais variadas organizações. As aulas tornaram-se mais práticas, mais realistas e, por conseguinte, passaram a exigir uma visão mais holística dos participantes que, para chegarem às suas conclusões, assumem o papel do protagonista do caso. O discente passa a ser o centro das discussões e o docente assume o papel de coordenador dos debates. O aprendizado se dá de forma menos passiva e o conhecimento passa a ser assimilado através de vivência de situações mais próximas da realidade.

Sua ênfase centra-se no desenvolvimento pessoal compartilhado e em idéias, avaliando-se outros pontos de vista. Alguns estudantes, segundo Marion (1992), principalmente os de contabilidade, que estão acostumados a obter respostas exatas para os problemas acharam a experiência de sua utilização *frustrante*. Por outro lado, os docentes, acreditam que os discentes ao final conseguiram ganhar, segundo o autor, “potencial, discernimento e maturidade nem sempre visíveis ou mensuráveis naquele momento”. Acreditam ainda que os discentes conseguiram captar os aspectos que podem se tornar importantes na tomada de decisão, o que “é importante, se compararmos com a situação de um livro-texto onde não há informação irrelevante, sendo que não é isto que o estudante ira enfrentar no mundo real”.

Corroborando esta corrente, Anthony e Reece, afirmam que os Métodos de Caso podem tornar-se de grande valor no processo ensino-educação já que desencadeiam uma base de discussão em sala de aula. A proposta não busca necessariamente “ilustrar maneiras corretas ou incorretas de administrar um problema”, já que, segundo eles, a habilidade no tratamento da informação contábil pode ser adquirida somente através de experiências.

Um problema elaborado dentro do Método de Caso é levado para sala de aula, para uma discussão informal, em grupo. Este fato provoca a ação do discente: analisar o problema, avaliar os diversos fatores nele envolvidos, fazer cálculos, tomar posição, e assim por diante. É solicitado que ele exponha o seu ponto de vista, defenda, entenda e avalie os argumentos de seus colegas e decida qual dos argumentos é o mais forte. O exercício desta prática ajuda a desenvolver a capacidade e o entendimento do discente. De fato, muitos educadores acreditam que realmente partes importantes de uma matéria contábil só podem ser aprendidas através de algum tipo de experiência concreta e não meramente ouvindo ou lendo

o assunto. Em geral, os casos são previamente preparados pelos estudantes para, em seguida, ser discutidos em sala de aula com orientação do professor que irá usar seus recursos didáticos para melhor proveito do estudante.

4.9 Estabelecer uma nova relação entre docente x discente

A avalanche verificada no processo de abertura de novas instituições de ensino superior de contabilidade, particulares, exige uma alteração na relação docente x discente. O vestibular, para o curso de Ciências Contábeis e muitos outros com menor demanda, outrora selecionava os *melhores* candidatos. Fechava as portas de acesso ao que estivessem menos preparados.

Hoje, na grande maioria das instituições particulares, em diversos cursos, não só no contábil, verifica-se que o número de candidatos é inferior ao número de vagas. Ao se analisar o perfil dos ingressos no Curso de Ciências Contábeis encontram-se discentes que há mais de 10 ou 15 anos não freqüentam uma sala de aula e outros que são oriundos dos cursos supletivos. Esse fato, somado a deficiências da formação no segundo grau, justifica a afirmação de que “somente de 15% à 20% dos discentes que entram no Curso de Ciências Contábeis, nas instituições particulares, apresentam um conhecimento básico que lhes possibilite acompanhar os conteúdos programados”.

Isso acarreta um grande problema ao docente: seguir o programa mesmo que os discentes não consigam acompanhá-lo ou alterar o programa para corrigir deficiências, o que implica a impossibilidade do seu cumprimento integral. O ideal seria exigir um maior empenho e dedicação dos discentes para que consigam absorver os conteúdos básicos deficitários e acompanhar integralmente os conteúdos programados.

A grande questão é como exigir mais de um discente *cliente*.

Acredita-se que as instituições deveriam, após a constatação desta realidade, definir uma relação discente x docente que atenda aos seus interesses econômicos, mas que não comprometam as qualificações mínimas exigidas do futuro profissional.

Uma alternativa poderia ser a implantação de Núcleos de Orientação Didática que, de acordo com a demanda, disponibilizariam aos discentes *aulas de reforço* individuais, ou em pequenos grupos, nos tópicos em que tivessem maior grau de dificuldade. Esta implantação deveria ser cuidadosamente estudada já que, como foi dito anteriormente, quase todos os discentes têm uma jornada de trabalho de oito horas diárias, o que dificulta a conciliação dos horários. Como alternativa poderiam ser marcadas aos sábados, à tarde, e aos domingos pela manhã.

A sala de aula *deve ser um momento mágico e não trágico*. Nessa busca, o docente deve conscientizar-se de que autoridade tem muito a ver com equilíbrio e liderança, e que pode fazer uma proposição e ser aceito pelos discentes. Segundo Moraes (2001), ela “é constituída e precisa ser aceita; ela não faz os educandos inferiores, imprimindo, ao contrário, a suas vidas um sentido mais seguro de caminhada e conquista”. Já, segundo ele, o autoritarismo, doença da autoridade, terrível processo de entropia nas relações humanas, “é imposto. É a intoxicação produzida por um equívoco ou por má fé”.

A relação docente x discente passa, segundo Kenski (2001), pelos “laços afetivos com seus alunos” e com o “trato do conteúdo de ensino. A forma como o professor se relaciona com sua própria área de ensino”.

5. CONCLUSÃO

As Instituições de Ensino Superior – IES do ensino contábil são responsáveis pela difusão do conhecimento da Ciência Contábil e devem estar atentas às mudanças ocorridas no cenário atual. Não podem ignorar, por exemplo, que a introdução dos meios eletrônicos nas atividades sociais e empresariais revolucionou não só conceitos, valores,

modo de pensar e agir da humanidade, como também impactou a relação aluno-professor em sala de aula e fora dela. Com os recursos computacionais hoje disponíveis a pesquisa sobre a matéria a ser ministrada em um determinado ponto do conteúdo programático na área de custos, por exemplo, já pode ser previamente conhecida tanto pelo aluno como pelo professor. A sala de aula passa, assim, a ser não mais um local de ensino, mas, sim, uma oportunidade de reflexões e troca de experiências. Estes meios eletrônicos que hoje já estão fortemente presentes na comunicação, operação, registro e análise de custos, ainda não estão sendo adequadamente utilizados na formação de competências profissionais na área de custos. A constatação dessas mudanças e a adequação dessa nova realidade à pesquisa e prática de novas metodologias didático-pedagógicas poderão ser úteis, tanto na formação de docentes, como também na reforma das atuais grades curriculares dos cursos de graduação em Ciências Contábeis, visando oferecer ao mercado um novo perfil do profissional de custos. Como elemento de difusão de conhecimentos e, considerando que o que até ontem era um objeto de estudo e hoje já é um fato conhecido, a IES que se dedica à difusão do conhecimento profissional em custos, no seu curso de graduação em Ciências Contábeis, poderá utilizar-se da multimídia para não só enriquecer a relação aluno-professor em sala de aula, como também, através de Estudos de Casos, discutir experiências de tomada de decisões ou solução de problemas onde o conhecimento sobre custos tenha sido de primordial importância para o atendimento dos resultados desejados pelas empresas. Nesse sentido os conteúdos programáticos dos cursos de graduação em Ciências Contábeis deverão ser adequados às reais necessidades do mercado trabalho do futuro profissional de custos. Em termos de pesquisa contábil, observa-se que nas IES responsáveis por cursos de graduação em Ciências Contábeis ela é basicamente inexistente e, como as majorias dos docentes de Contabilidade ainda não possuem sequer o título de Mestre em Contabilidade, a percepção do valor da pesquisa torna-se quase nula. Assim, torna-se uma prioridade estratégica das IES que mantêm cursos de graduação em Ciências Contábeis, programar como plano de ações imediatas a inserção de seus docentes em cursos de Mestrado em Contabilidade. Por outro lado, o corpo discente dos cursos de graduação em Ciências Contábeis, tendo à sua frente docentes portadores de títulos de mestrado, deverão ser iniciados em pesquisas contábeis, visando melhorar sua capacidade de questionar o atual estado-da-arte do ensino em Ciências Contábeis. Não obstante o crescente número de programas de Mestrado em Contabilidade ainda constitui seu gargalo o ingresso de docentes interessados em cursar os mesmos. Possivelmente o caminho mais curto para solucionar esta questão seja o dos Mestrados Interinstitucionais como, por exemplo, o implementado pela Universidade de Brasília que, entretanto está limitado apenas a universidades públicas. Talvez uma alternativa a ser estudada seria a da parceria com as universidades públicas ou privadas que já mantêm cursos de Mestrado em Contabilidade. Eis, assim, resumidamente, algumas ações cabíveis que, a título de conclusão se apresenta a quem ao tomar conhecimento deste trabalho mostrar-se interessado em fazer parte da solução do problema, saindo da fila dos que se encontram permanentemente lamentando a falta de oportunidades para se aperfeiçoarem profissionalmente em custos, quer seja como docente, quer seja como aplicador dos conhecimentos contábeis.

As IES comprometidas com a melhoria na qualidade do ensino da Contabilidade devem estabelecer laços de cumplicidade entre os docentes e discentes objetivando, dentre outras ações: que busquem incentivar a iniciação científica; estabelecer parcerias e a inserção na comunidade; criar um acesso eletrônico; modernizar sua grade curricular; difundir a importância do *marketing* pessoal; estabelecer uma nova relação entre docentes x discentes.

Referências

- ALARCÃO, Isabel (org.). **Escola Reflexiva e Nova Racionalidade**. São Paulo: Artmed, 2001
- ANTHONY, Robert. REECE, James. **Irwin Accounting: test and cases**. Sisprin. 8. ed.
- FAZENDA, Ivani C. A. **Integração e Interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro**. São Paulo: Loyola, 1993.
- _____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. São Paulo: Papirus, 1995.
- FRIGOTTO, Gaudêncio (org.), et alii. **Educação e Crise do Trabalho - Perspectivas de Final de Século**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 1997.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- JUNIOR, Áureo Gomes Monteiro. **Informação gerando conhecimento**. Disponível em <<http://www.educacional.com.br/articulas/artigo0011.asp>>. Acesso em maio de 2004.
- KENSKI, Vani Moreira. **Repesando a didática**. Coord. Antônio Osima Lopes (org.). 18. ed. Campinas : Papirus, 2001.
- MACHADO, Nelson. **O Ensino de Contabilidade nos cursos de Ciências Contábeis na Cidade de São Paulo**. São Paulo, 1982. Dissertação de Mestrado. Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas.
- MAHEU, Cristina d'Ávila. **Interdisciplinariedade e Mediação Pedagógica**. Disponível em <<http://www.nuppead.unifacs.br/artigos/Interdisciplinaridade.pdf>>. Acesso em agosto de 2003.
- MARION, José Carlos. **Aspectos do Ensino da Contabilidade nos Estados Unidos**. Caderno de Estudos nº07, São Paulo, FIECAFI – Outubro/1992
- _____. **O Ensino da Contabilidade no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- _____. MARION, Marcia Maria Costa. **A Importância da Pesquisa no Ensino da Contabilidade**. Boletim do IBRACON, São Paulo: IBRACON n. 247, dezembro, 1998.
- MARTINEZ, José Walter. **O Ensino da Contabilidade e a Formação do Economista**. Disponível em <<http://www.eco.unicamp.br/artigos/artigo43.htm>>. Acesso em maio de 2004.
- MASSI, Cosme D. B. **Educação Integral**. Disponível em <<http://www.educacional.com.br/articulas/cosme0001.asp>>. Acesso em maio de 2004.
- _____. **Ensino estruturado**. Disponível em <<http://www.educacional.com.br/articulas/artigo0031.asp>>. Acesso em maio de 2004.
- MAZZOTTI FILHO, Walter. **O Ensino da Contabilidade: Uma Proposta Curricular**. Revista da Fundação Visconde de Cairu, Salvador: FVC n. 06, 3. trimestre, 2001.
- MORAIS, Regis. **Sala de Aula – que espaço é esse?** 15. ed. Campinas: Papirus, 2001
- MORAIS, José J. Silva, SANTOS, Cláudio M. L., SOARES, Teófilo A. S. **Ensino da Contabilidade: Uma Análise Crítica**. Disponível em <http://www.classecontabil.com.br/trabalhos/CC_Jassuip_Ensino_Contabil.do>. Acesso em maio de 2004.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar e reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MOTTER, Carlos Eduardo. **Tecnologia em educação**. Disponível em <<http://www.educacional.com.br/articulas/artigo0023.asp>>. Acesso em maio de 2004.
- NOSSA, Valcemiro. **Formação do Corpo Docente dos Cursos de Graduação em Contabilidade no Brasil: Uma Análise Crítica**. Caderno de Estudos da FIECAFI, São Paulo: USP n. 21, mai.-ago., 1999.
- ROBATINI, Celíria R. S. e OLIVEIRA, Cristiane R. A. **Ética e Subjetividade**. 2002. Disponível no site <<http://www.rizoma.ufsc.br/semint/Oficina%2009.htm>>. Capturado em agosto de 2003.
- SANTOMÉ, Jurjo T. **Globalização e interdisciplinaridade, o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- SANTOS FILHO, Haroldo. **O contador que o mercado espera**. Disponível em <<http://www.cyber.com.br/hoje/opiniao/opiniao14.htm>>. Acesso em maio de 2004.

SILVA, Antônio Carlos Ribeiro. **Mudanças de Paradigma no Ensino da Contabilidade**. Revista Contabilidade e Informação, Ijuí: UNIJUI n. 10, jul.-set., 2001.

SILVA, Renato. **Metodologias Aplicadas ao Ensino da Contabilidade**. Disponível em <www.delasalle.com.br/artigos/renatosilva.htm>. Acessado em maio de 2004.

SIQUEIRA, Armando Correa. **Educação sem limites**. Disponível em <<http://www.educacional.com.br/articulistas/artigo0030.asp>>. Acessado em maio de 2004.

_____. **Função do educador frente à construção do conhecimento científico**. Disponível em <<http://www.educacional.com.br/articulistas/artigo0030.asp>>. Acessado em maio de 2004.

STRASSBURG, Udo. **Avaliação do professor de Contabilidade - algumas considerações**. Revista Brasileira de Contabilidade. Brasília: CFC n. 141, mai.-jun., 2003.

VALLE, Jucélia de Fátima. **A Crise Educacional**. Disponível em <<http://www.educacional.com.br/articulistas/jucelia.asp>>. Acessado em maio de 2004.

VIDAL, Márcia. **A desproporcionalidade informacional**. Disponível em <<http://www.educacional.com.br/articulistas/artigo0039.asp>>. Acesso em maio de 2004.

WHEATLEY, Margaret J. **Conversando a Gente Se Entende**. São Paulo: Cultrix, 2003